



COMUNICAÇÃO QUEER NO ESPAÇO DIGITAL: QUANDO O CORPO SE RECUSA A REPRESENTAR – O CASO DE ZOUBLE, DE ‘O INCRÍVEL CIRCO DIGITAL’

Patrícia Queiroz Una¹

RESUMO

O presente artigo se propõe a investigar a comunicação Queer no espaço digital a partir da análise do personagem Zoogle, da série animada ‘O Incrível Circo Digital’, compreendendo como corpos dissidentes se expressam por meio da instabilidade, da falha representacional e da estética não normativa. A partir de uma metodologia cartográfica de atenção, propõe-se acompanhar os deslocamentos visuais e narrativos de Zoogle em três eixos analíticos: corpo, estética e recepção, refletindo assim a partir de conceitos sobre o acontecimento comunicacional, a performatividade de gênero, a crítica ao belo normativo e a potência do olhar sensível. O que permitiu compreender que, mais do que representar identidades, a comunicação Queer se realiza como presença insistente e linguagem da falha, operando nas margens do visível como força crítica e poética.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação Queer, Identidade de gênero, Representação, Zoogle, Não-Binaridade de gênero

INTRODUÇÃO

A série animada intitulada “O Incrível Circo Digital (*The Amazing Digital Circus*)”, lançada em 2023 no YouTube e posteriormente incorporada ao catálogo da Netflix, foi criada por *Gooseworx* e produzida pela *Glitch Productions*, e acabou se tornando um fenômeno pop cultural por sua estética excêntrica e abordagem psicológica. A trama gira em torno de Pomni, uma jovem que se vê aprisionada em uma realidade digital com a estética de um circo completamente surreal, onde encontra outras pessoas que também foram capturadas nesse espaço. Todas elas, inclusive Pomni, tiveram suas formas humanas substituídas por avatares grotescos e lúdicos, vivendo sob o controle de uma inteligência artificial animada chamada Caine, que organiza desafios e eventos caóticos no chamado “circo digital”.

Entre os personagens que compõem esse universo, Zoogle se destaca dos demais, sendo uma entidade de gênero indefinido, com corpo montável e mutante, formado por peças multicoloridas que se alteram de episódio para episódio. Zoogle

¹ Mestrando Profissional Inovação em Comunicação e Economia Criativa, Universidade Católica de Brasília. Email: patyuna42@gmail.com



representa uma presença visual que destoa do resto, marcada por desconforto com sua própria forma e uma postura crítica diante do espaço onde está inserido. Sua corporalidade escapa de padrões fixos, e sua performance narrativa rompe com as lógicas binárias tanto de gênero quanto de representação estética. Trata-se de um corpo que se desmonta, que se recusa à forma estável e que frequentemente verbaliza seu mal-estar com a própria aparência, tensionando, assim, os limites da identidade dentro de um ambiente digital supostamente lúdico, mas altamente regulador.

Figura 01 – Personagem Zooble de ‘O incrível circo digital’



(The Amazing Digital Circus Wiki, 2025)

É nesse sentido que Zooble emerge como um operador conceitual para pensar a comunicação Queer no espaço digital: um corpo que, ao se recusar a representar, nos força a acompanhar suas dobras, ruídos e desmontagens como formas de linguagem. Mais do que apenas um personagem excêntrico, Zooble encarna uma poética da dissidência, estética, subjetiva e política, que convoca o olhar e o pensamento para além das categorias estabilizadas de identidade e visibilidade.

A partir desse cenário, podemos nos inscrever na reflexão sobre a comunicação Queer no espaço digital, compreendendo-a como uma prática em que os corpos e discursos não se organizam por normas representacionais fixas, mas por forças de deslocamento, opacidade e invenção. No ambiente virtual, onde a imagem se multiplica, o corpo se refaz e a performance se expande, a comunicação deixa de ser apenas código e se torna acontecimento, gesto e presença. Como



escreve Ciro Marcondes Filho (2004, p. 15), “Comunicação é antes um processo, um acontecimento, um encontro feliz, o momento mágico entre duas intencionalidades, que se produz no “atrito dos corpos” [...]”. No caso do corpo queer, trata-se da emergência de uma comunicação que recusa traduzir-se em signos estáveis.

Por isso a escolha de analisar figuras como Zooble, que encarnam corpos dissidentes e ativam estéticas não normativas no audiovisual digital contemporâneo. Esses corpos não apenas ocupam os espaços de visibilidade, mas os perturbam. Eles não representam identidades, mas tensionam suas bordas. Judith Butler no diz que “o gênero é culturalmente construído” (2003, p. 21), e sua subversão ocorre quando se interrompe o ciclo dessa repetição. É isso que Zooble realiza: não ao reivindicar um gênero alternativo, mas ao performar a falência da identidade como forma fixa.

Para além da forma, o corpo de Zooble também questiona a estética dominante. Sua aparência desconexa, fragmentada e frequentemente desconfortável opera na contramão do ideal visual do belo digital, liso, simétrico e sedutor. Byung-Chul Han observa que, a cultura contemporânea, “[...] isola o belo em sua positividade, mas ainda não é um objeto do gozo culinário. Do belo não parte estímulo. É muito mais uma forma estética.” (2015, p. 69). E o belo é hoje aquilo que “não fere”. Zooble, ao contrário, fere, não no sentido violento, mas no sentido de tornar visível o que não deveria aparecer: o não encaixado, o inacabado, o estranho.

Diante disso, pergunta-se: como se dá a comunicação Queer no espaço digital quando o corpo se recusa a representar? E, mais especificamente: como personagens como Zooble ativam, na linguagem audiovisual, potências comunicacionais e estéticas dissidentes que escapam à representação normativa do corpo e do gênero?

A partir disso investiga-se como a comunicação queer se manifesta no espaço digital a partir de corporalidades dissidentes que escapam à lógica da representação, tomando como caso de análise o personagem Zooble, da série O Incrível Circo Digital. A proposta é compreender como esse personagem, com sua visualidade instável, seu corpo mutante e sua performance ambígua, atua como



expressão de uma comunicação que se dá não por representação, mas por presença, ruptura e imaginação material.

1. ZOUBLE COMO COMUNICAÇÃO QUEER NO ESPAÇO DIGITAL

Partimos do entendimento de que a comunicação Queer no espaço digital não se restringe à tematização direta da dissidência de gênero, mas pode emergir de forma transversal nos gestos, nas estéticas e nas falhas dos corpos em se fazerem representar. Ao colocar Zouble como caso central, observa-se como sua presença tensiona tanto a lógica da identidade quanto as formas convencionais de visibilidade e legibilidade no audiovisual animado.

Através de três eixos – o corpo, a estética e o olhar –, investiga-se de que modo o personagem expressa, em sua instabilidade formal e seu desconforto performativo, potências críticas que desafiam as normas de gênero, beleza e recepção. Buscando pensar a comunicação Queer como a linguagem do inacabado, onde a interrupção do sentido não é falha, mas produção. Zouble não comunica *apesar* de sua crise identitária, mas exatamente *através* ela.

2. O CORPO QUE SE RECUSA A REPRESENTAR

Temos aqui a visualidade de Zouble que instaura um campo de desestabilização da percepção. Seu corpo é composto por formas geométricas incompatíveis, fragmentadas e assimétricas, que constantemente se reorganizam tomando novas formas de representação. E ao recusar uma forma estável, Zouble também recusa representar um “eu” único e inteligível, como pressupõe a estrutura normativa de gênero culturalmente construída, mas sendo um estado de multiplicidades, esclarecida por Judith Butler:

“o gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo.” (BUTLER, 2003, p. 21).



Zooble, ao frustrar esse padrão de gênero repetido pela cultura hegemônica, não necessariamente reivindica uma nova identidade, mas desfaz o próprio gesto de representar a identidade. Em vez de reivindicação, há um esvaziamento performático. E é nesse esvaziamento que emerge sua potência comunicacional Queer, porque essa se apresenta como um afeto visual que ultrapassa as barreiras linguísticas proporcionando, de fato, a comunicação no sentido dado por Ciro Marcondes Filho:

“Comunicação tampouco é instrumento, mas acima de tudo, uma relação entre mim e o outro ou os demais. Por isso ela não se reduz a linguagem, menos ainda a linguagem estruturada e codificada numa língua. Ela ultrapassa e é mais eficiente que esse formato, realizando-se no silêncio, no contato dos corpos, nos olhares, nos ambientes.” (MARCONDES, 2004, p. 16).

E é nessa recusa por representar que Zooble comunica, não por meio da clareza ou da positividade, mas pela interrupção do fluxo de sentido. A forma que se desfaz comunica, ainda que não diga. Trazemos aqui, então, o corpo como um campo de experimentação, não de fixação, uma tecnologia que sobrepõe a ideia de que as estruturas normativas relacionadas a sexo e gênero são intransponíveis, mas que reconstrói a noção de representação identitária para algo contrassexual, como propõe Beatriz Preciado:

“A contrassexualidade é também uma teoria do corpo que se situa fora das oposições homem/mulher, masculino/feminino, heterossexualidade/homossexualidade. Ela define a sexualidade como tecnologia, e considera que os diferentes elementos do sistema sexo/gênero, denominados “homem”, “mulher”, “homossexual”, “heterossexual”, “transexual”, bem como suas práticas e identidades sexuais, não passam de máquinas, produtos, instrumentos, aparelhos, truques, próteses, redes, aplicações, programas, conexões, fluxos de energia e de informação, interrupções e interruptores, chaves, equipamentos, formatos, acidentes, detritos, mecanismos, usos, desvios...” (PRECIADO, 2004, p. 22).

3. ESTÉTICA DO ESTRANHO COMO LINGUAGEM QUEER

Ao lado da recusa da identidade, existe, por sua vez, a recusa da forma bela e reconhecível que aparece como uma linguagem potente. O corpo de Zooble é muitas vezes percebido como grotesco, cômico ou desconfortável, não porque falha



em atingir a beleza, mas porque trabalha contra ela. Essa é uma das dimensões mais diretas de sua comunicação, Zooble não adere à estética digital dominante que é limpa, harmônica e sedutora, mas se opõe a ela numa visualidade estranha e não aderente.

Byung-Chul Han em seu livro "A Salvação do Belo" nos situa em uma contemporaneidade onde vivemos a era da "beleza sem ferida", como dita inicialmente, onde tudo que nos cerca, principalmente no que diz respeito ao digital, deve ser positivo e agradável. "O belo digital forma um espaço liso do mesmo que não admite estranheza, nem alteridade. O puro interior sem exterioridade é seu modo de aparência." (HAN, 2015, p. 41).

A presença de Zooble fere esse ideal, ao apresentar um corpo disfuncional, fora de escala, por vezes repulsivo, e é justamente nesse desconforto que se abre espaço para o pensamento. Ao não agradar, ele nos obriga a pensar em outra relação com o belo e com o corpo. "O belo se deduz do sem-forma, do horrível, do todo indiferenciado, na medida em que põe formas, isto é, diferenças." (HAN, 2015, p. 65).

Zooble prospecta fragmentação, fluidez e cores dissonantes como poética visual dissidente, que difere de tudo o que as visualidades hegemônicas vem impondo a décadas, exatamente como bell hooks (2009) expõe em suas críticas cinematográficas: "O cinema patriarcal, seja ele negro ou branco, é fundamentalmente distorcido e pode nos oferecer apenas imagens incompletas de homens e mulheres." (HOOKS, 2009, p. 190). No caso Zooble, tratando-se de um corpo queer digital, não-normativo, igualmente recusado pelo gosto hegemônico, mas que insiste em existir sem se adequar. Ele perturba não apenas o visual, mas a gramática da legibilidade.

4. ENTRE O DESEJO DA FORMA E A FALHA DA IMAGEM

A presença de Zooble convoca um olhar atento não apenas para sua corporalidade visualmente instável, mas também para a complexa relação entre forma, identidade e seu próprio sofrimento. No episódio 3, Zooble expressa um desconforto persistente com o próprio corpo, revelando um desejo constante de se



sentir “ela mesma”, ainda que não saiba ao certo o que isso significa. Sua tentativa de reorganizar as peças que a compõem não é um gesto de recusa à representação, mas justamente o oposto: uma busca frustrada por se representar de forma coerente para si e para o outro.

Contudo, é no campo estético em que se insere, a lógica visual da própria animação, que Zooble recusa a estabilidade representacional. O universo de O Incrível Circo Digital não oferece margens seguras de identidade. Ao contrário: dissolve formas, fragmenta corpos e embaralha os signos. Essa recusa da forma estável, enquanto linguagem visual do todo, desloca o corpo de Zooble para uma zona de tensão: Zooble quer representar-se, mas atravessa uma estética que impede esse gesto. Nesse sentido, a animação não quer representar, e é justamente isso que aprofunda o drama de uma personagem que quer ser reconhecida.

É nesse cruzamento entre estética desestabilizadora e desejo de autoidentificação que se torna possível falar de uma comunicação queer, no sentido em que ela emerge não da afirmação de um corpo, mas da experiência de sua crise. Quando retomamos a visão de Butler, de que gênero é uma construção cultural que vem se repetindo (2003, p.21), Zooble, ao ser reiterado sem sucesso, revela o limite da performatividade como representação coerente. A personagem se move entre tentativas, desmontagens e frustrações, o que comunica não a falência da identidade, mas a sua não totalização.

Essa experiência de instabilidade exige também um olhar que saiba sustentar o inacabado. hooks nos diz que: “Quando estivermos dispostos a ousar, a arriscar, a afrouxar as amarras do visual, deixando que nossa imaginação se mova em todas as direções, tudo será possível. Não haverá nada que não possa ser visto.” (HOOKS, 2009, p. 198). Olhar para Zooble é resistir à vontade de encaixar, de identificar, de capturar. É aceitar que, aquilo que se mostra, não faz sentido, e que mesmo no sofrimento, há potência crítica. Não se trata apenas de olhar com empatia, mas de exercitar uma atenção sensível que acolhe a oscilação entre forma e desejo, entre o que se mostra e o que escapa.

Esse olhar precisa se deslocar da superfície para uma visão combinada, não no sentido de compreender a mistura de suas representações visuais frustradas,



mas no de habitar com ela a fragilidade de não se reconhecer no espelho. Como escreve Gaston Bachelard:

“A imaginação material, a imaginação dos quatro elementos, ainda que favoreça um elemento, gosta de jogar com as imagens de suas combinações. Quer que seu elemento favorito impregne tudo, quer que ele seja a substância de todo um mundo. Mas, apesar dessa unidade fundamental, a imaginação material quer guardar a variedade do universo. A noção de combinação serve para esse fim. A imaginação formal tem a necessidade da idéia de composição. A imaginação material tem necessidade da idéia de combinação.” (BACHELARD, 1989, p. 99)

A imaginação da matéria é, antes de tudo, uma experiência da intimidade. Zooble, ao reorganizar seu corpo sem cessar, ativa essa dimensão: não há forma que baste, e isso comunica. Comunica, não por representação, mas por presença insistente em meio à ausência de sentido fixo.

Assim, Zooble não recusa sua representação, ela sofre por não conseguir sê-lo. A animação, por outro lado, recusa as condições normativas da representação. É nesse intervalo que se produz uma comunicação Queer: no espaço entre o que o corpo quer dizer e o que a linguagem (visual, técnica, cultural) permite que ele diga. A potência não está na vitória da identidade, mas na resistência que se produz na falha, no ruído e na repetição inacabada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta análise, buscou-se compreender como a comunicação queer pode emergir no espaço digital a partir da figura de Zooble, personagem de O Incrível Circo Digital. A proposta não foi apenas identificar um corpo dissidente, mas investigar como esse corpo se articula com uma visualidade e uma linguagem que escapam à representação normativa, operando, portanto, em uma zona de crise e potência.

Zooble não é uma representação de identidade queer no sentido afirmativo e estabilizado. Ao contrário, seu corpo manifesta o impasse entre o desejo de se reconhecer e a falha contínua desse reconhecimento. Esse conflito, longe de ser um limite da comunicação, constitui sua força expressiva. Como vimos, a recusa da forma estável e da legibilidade normativa não impede a comunicação queer, ela a



funda. Quando o corpo falha em ser entendido, ele se torna acontecimento. Quando a forma se dissolve, abre-se espaço para a imaginação, o afeto, o ruído e o sensível.

A análise permitiu observar como a linguagem visual da série tensiona o desejo da personagem por coerência, reforçando um ambiente onde as regras do reconhecimento não se aplicam. Isso ativa uma comunicação que, como afirma Ciro Marcondes Filho (2004), ultrapassa a linguagem codificada e se realiza no encontro, no olhar, na presença. Assim, Zooble comunica não por representar, mas por insistir em existir em meio à falência da forma.

Este trabalho também evidenciou como o corpo queer, ao ser tomado como matéria visual instável, fragmentada, grotesca, inacabada, desafia os padrões de estética dominante analisados por Byung-Chul Han (2009). Em vez de conforto e positividade, oferece estranhamento e perturbação como formas de ver e pensar. Tal deslocamento convida a um olhar sensível e ético, como proposto por bell hooks, capaz de sustentar o não dito, o ininteligível, o incompleto.

Por fim, como mostrou Gaston Bachelard (1989), a imaginação material atua nas combinações, e não nas formas fixas. Zooble, nesse sentido, é matéria em processo, corpo em recomposição constante. Sua presença nos fala não da identidade como fim, mas da resistência em continuar tentando ser, apesar da impossibilidade de sê-lo plenamente.

Desse modo, a comunicação Queer no espaço digital, quando o corpo se recusa a representar ou não consegue se representar, se mostra como um território não de ausência, mas de invenção. E ao seguir personagens como Zooble, podemos aprender a ver não o que está claro, mas o que vibra entre os escombros da forma: uma política do sensível, uma ética da presença, uma linguagem da falha.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 16 Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GLITCH. **O INCRÍVEL CIRCO DIGITAL: PILOTO**. YouTube, 13 outubro, 2023. 25min46s. Disponível em:



<https://www.youtube.com/watch?v=HwAPLk_sQ3w&list=PLHovnlOusNLgvAbnxluXCVB3KLj8e4QB-&index=1> Acesso em: 28 junho, 2025.

_____. **O INCRÍVEL CIRCO DIGITAL EPISÓDIO 2: Desespero no Desfiladeiro Doce!.** YouTube, 03 maio, 2024. 25min13s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4ofJpOEXrZs&list=PLHovnlOusNLgvAbnxluXCVB3KLj8e4QB-&index=3>> Acesso em: 28 junho, 2025.

_____. **O INCRÍVEL CIRCO DIGITAL - Episódio 3: O Mistério da Mansão Mildenhall.** YouTube, 04 outubro, 2024. 24min43s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bKjfw77cxeQ&list=PLHovnlOusNLgvAbnxluXCVB3KLj8e4QB-&index=4>> Acesso em: 28 junho, 2025.

_____. **O Incrível Circo Digital - Episódio 4: UM DIA A MÁSCARA CAI.** YouTube, 13 dezembro, 2024. 23min19s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Q9KWcWko2T8&list=PLHovnlOusNLgvAbnxluXCVB3KLj8e4QB-&index=5>> Acesso em: 28 junho, 2025.

_____. **O INCRÍVEL CIRCO DIGITAL - Ep 5: Sem Título.** YouTube, 20 junho, 2025. 25min32s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L4p2gN2CzsA&list=PLHovnlOusNLgvAbnxluXCVB3KLj8e4QB-&index=6>> Acesso em: 28 junho, 2025.

HAN, Byung-Chul. **A salvação do belo.** 7 Ed. Petrópolis: Vozes, 2019.

HOOKS, bell. **Cinema vivido: raça, classe e sexo nas telas.** São Paulo; Elefante, 2023.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?.** 3 Ed. São Paulo: Paulus, 2004.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrasexual.** 1 Ed. São Paulo: n-1 edições, 2004.

ZOUBLE. In: The Amazing Digital Circus wiki. Fandom, 2025. Disponível em: <<https://tadc.fandom.com/pt-br/wiki/Zooble>> Acesso em: 28 junho, 2025.

Queer Communication in Digital Space: When the Body Refuses to Represent – The Case of Zooble from The Amazing Digital Circus

ABSTRACT

This article aims to investigate Queer communication in the digital space through the analysis of the character Zooble from the animated series The Amazing Digital Circus, understanding how dissident bodies express themselves through instability,



representational failure, and non-normative aesthetics. Based on a cartographic attention methodology, the study proposes to follow Zooble's visual and narrative displacements across three analytical axes: body, aesthetics, and reception. These dimensions are explored through concepts such as the communicational event, gender performativity, critique of normative beauty, and the power of a sensitive gaze. This approach allows us to understand that, more than representing identities, Queer communication manifests as an insistent presence and a language of failure, operating at the margins of visibility as a critical and poetic force..

Keywords: Queer Communication, Gender Identity, Representation, Zooble, Gender Non-Binarity

Comunicación Queer en el espacio digital: cuando el cuerpo se niega a representar – El caso de Zooble de El increíble circo digital

RESUMEN

El presente artículo se propone investigar la comunicación queer en el espacio digital a partir del análisis del personaje Zooble, de la serie animada El increíble circo digital, comprendiendo cómo los cuerpos disidentes se expresan por medio de la inestabilidad, la falla representacional y la estética no normativa. A partir de una metodología cartográfica de atención, se propone acompañar los desplazamientos visuales y narrativos de Zooble en tres ejes analíticos: cuerpo, estética y recepción, reflexionando así a partir de conceptos sobre el acontecimiento comunicacional, la performatividad de género, la crítica a lo bello normativo y la potencia de la mirada sensible. Esto permitió comprender que, más que representar identidades, la comunicación queer se realiza como presencia insistente y lenguaje de la falla, operando en los márgenes de lo visible como fuerza crítica y poética.

Palabras clave: Comunicación queer, Identidad de género, Representación, Zooble, No binariedad de género